

O MITO COMO POSSIBILIDADE

Veronica Filíppovna

Tradutora, ensaísta e doutoranda em Ciência da Literatura pela UFRJ.
veronicafilippovna@gmail.com

Resumo: Mito, o que é? Essa pergunta pode ser respondida a partir de várias perspectivas, no entanto, o objetivo aqui é deixar o mito vigorando como questão. E não limitá-lo a um conceito redutor. Enquanto questão o mito traz à presença uma dialética de aparição e retraimento. Trata-se de uma dialética transitiva, que não se fecha em uma síntese. Mais que relato de peripécias de deuses e heróis, o mito recoloca a pergunta pelo sentido: o sentido de nossa existência, da vida no seu jogo de finitude e não finitude.

Palavras-chaves: Mito. Realidade. Mistério. Silêncio.

Abstract: Myth, what is it? This question can be answered from various perspectives, however, the goal here is to let the myth remain as an active issue, and do not reduce it to a narrow concept. Myth brings to presence a dialectic of appearance and withdrawal. It is a transitive dialectic that does not end in a synthesis. Far more than telling stories of gods and heroes, myth raises the question of the meaning: the meaning of our existence, of our life in its play between finitude and infinitude.

Keywords: Myth.Reality.Mystery.Silence.

Até certo ponto, todos nós sabemos o que o mito é. Mas, ao mesmo tempo em que pensamos que sabemos, também desconhecemos aquilo que o mito não é. Se já soubéssemos tudo, não haveria porque escrever mais um ensaio sobre o mito. Não podemos ser ingênuos e tomar como decisivas as definições correntes sobre o mito. Muitas dessas definições impedem que o mito, contínuo acontecer de possibilidades, se revele a nós naquilo que ele é e, sobretudo naquilo que ele não é. Por quê? Não é de hoje que se pensa o mito como arquétipo, símbolo, alegoria, lenda, narrativa de povos primitivos, ficção de tempos longínquos, imemoriais. E ainda: fábula, mentira, peripécias, façanhas e artimanhas de deuses e heróis, dentre outros conceitos. A verdade

do mito está além dos paradigmas e das representações vigentes, ou seja, a sua gênese de sentido ultrapassa a querela verdadeiro *versus* falso. O que fica aí subentendido? Odizer do mito diz mais, principalmente, quando silencia. Mito é convite à travessia. Não basta repetir o que o mito sugere como questão. É preciso que se viva a própria questão, colocando-se diante do mito com serenidade e disposição para o diálogo, interpretando-o na medida em que ele vem ao nosso encontro. Essa atitude permite-nos uma proximidade, uma entrega e comunhão com o ritmo e rito do próprio do mito desvelando-se e velando-se dialeticamente.

Curiosamente, muitas vezes, o mito nunca vem a ser aquilo que julgamos e/ou queremos que ele seja. Temos a tendência a *falar sobre* e quase nunca a *falar como* próprio do mito, para isso exigindo *escuta* e abandono de uma atitude subjetiva, determinadora, impositiva. Falamos sobre o mito porque não estamos acostumados a um pensamento que é todo espera. Queremos o imediato, a rapidez. Recusamos um modo de pensar que se constrói desde a simplicidade. E que nos lança na espera do tempo próprio de cada coisa. Pensar é gestar; é deixar o pensamento advir na sua originalidade. E não reproduzir o já sabido. Pensar é cuidar. Isso significa fertilizar, no entanto, abrimos mão de um pensamento fértil. Temos preferência pelo fútil, pois este não exige a disciplina da escuta. Desse modo, não nos aproximaremos do mito. Ficaremos aquém das suas possibilidades. Será isso o que buscamos?

A nossa postura meramente descritiva nos impede de sermos tocados por dentro, pelo dentro do mito, isto é, pela sua pulsação criativa. Para falar com o mito é preciso entender que a sua linguagem escapa ao lógico-racional. E que o seu sentido, mesmo quando tenso, faz irromper a poesia. Além disso, todos os tempos (passado, presente e futuro) convergem em um só tempo. O tempo do mito não é linear, mas circular. Não é cronológico, mas ontológico. Em consonância com o mito percebe-se que o seu dizer vai além do já dito. Trata-se de um dizer originário. Para entender este dizer, que é o próprio mito se dizendo, precisamos nos lançar em uma procura que é toda espera. Precisamos também, e talvez isso seja o mais importante, estarmos sintonizados e sincronizados com o que cada mito encaminha. Como se faz isso? Escutando o próprio do mito e compreendendo que tudo é. Em origem o mito diz respeito a tudo que é. É no *é* que temos a possibilidade de nos aproximar do ser, onde ele se doa, velando-se. Vale ressaltar que isso acontece não apenas no mito: também as obras de arte e de pensamento nos conduzem ao silêncio dessa proximidade, do ser.

Reduzir o mito a estorinhas é ter a visão baça, dominada pelas sombras...

Então, não se “pega” no mito? Não. O próprio mito é que nos pega, agarra, prende. E nos lança em um horizonte de possíveis passagens e paragens. Uma vez tomados pelas imagens-questões que o mito provoca começamos a compreender o próprio mito. Creio que já tenha ficado evidente que não se alcança a compreensão do que venha a ser o mito a partir de raciocínios lógico-causais. Compreender é interpretar. Interpretar é compreender. E compreender é compreender-se a partir do que cada um é. É escutar em silêncio – desvelando no velar-se; é esvaziar-se de todos os conceitos e definições, de todas as teorias e jargões, desprendendo-se do querer que é sempre e cada vez mais posse subjetiva, abrindo-se a um querer que é pura meditação. Meditar significa desvencilhar-se da rigidez do que já está dado e pôr-se a caminho daquilo que vem ao nosso encontro, despertando para o que cada um é. Todo aquele que medita não tem pressa: mantém-se sereno à espera de um instante no qual se dão coisas.

Talvez o leitor esteja se perguntando: não iríamos aqui falar de mito? Não iríamos aprender como devemos agir diante do mito? Que conceito de mito foi dado? Quem se propõe a pensar permite que a questão venha ao seu encontro. Está sereno, entregue ao inesperado. Não tem pressa. E a sua intenção não é comprovar erudição. Quem se propõe a pensar – medita. Não quer ser “o autor” de uma reflexão, mas a larva – força vital na qual se dão coisas. Ah, nossa vida é corrida demais, não sobra tempo para meditações! Duros e austeros, preferimos o falar em demasia... Desconhecemos que somos atingidos em cheio por aquilo que procuramos quando aprendemos a silenciar. O silêncio alarga as possibilidades do pensar.

Há em todo pensar gestado pelo silêncio, isto é, há em todo pensar que não se pretende (prende?!) erudito, apoteótico, grandioso, algo de revelador. O silêncio traz consigo a sobriedade e o gesto de infundas descobertas. Traz a concentração e o convite ao pensar. Contrariando a opinião corrente, silêncio não é silenciamento. É o que vigora desde a sua própria textura, provocando em nós o espanto e a admiração. Silêncio é colocar-se diante de toda plenitude possível e não limitá-la a um conceito; é não buscar apetrechos, mas se resguardar no próprio do silêncio, permitindo-se ser na solidão do pensar. Isso parece espantoso? Espantoso é, pois, nosso empenho de falar sobre as coisas, fazendo-nos surdos ante o chamado das próprias coisas. Espantoso é o alarido que fazemos: a palavra de ordem é falar. Perdemos nossa vocação para o silêncio?

Em silêncio percebemos que no mito nenhuma palavra ou até mesmo uma vírgula ou um ponto final podem ser descartados. Tudo é essencial. Por isso, cada

palavra, cada silêncio por ele instaurado é sempre um começo, uma ritualização na qual as coisas se dão em um instante de revelação. Tudo se dá e escapa, a um só tempo. É preciso serenidade, ou seja, saber esperar o instante em que o mito se dá como revelação – criação. Devemos nos resguardar em silêncio se quisermos ser tomados pelo mito enquanto revelação. Devemos agir com sabedoria, abrindo-nos ao que vem ao nosso encontro sem a pretensão de esgotá-lo. Acaso o que mais deveríamos desejar não deveria ser que as coisas se colocassem diante de nós instaurando sentido? Um sentido que não quer ser nada além de ser. Aí está o sentido do mito: ser. Ser o quê? Sentido verbal – mistério. Não devemos ser ingênuos e entender o mistério como o inacessível, o secreto. Pode haver maior mistério do que a própria realidade?

Por agir em consonância com a dinâmica da realidade, o mito sugere um horizonte de realizações possíveis. Toda realização traz um sentido secreto, um sentido que se guarda e resguarda-se na identidade da diferença. Podemos pensar esse sentido secreto como mistério – vigorar da realidade sendo –, no entanto, o que entender por mistério? Mistério não tem nada a ver com o misterioso. É, antes, o que permite entrada. Dito com outras palavras, mistério é a realidade sendo. Dinâmica de sentido, realidade é o que não se repete nunca, porém, nosso pensamento causal, cheio de exigências, não nos deixa perceber o jogo dialético da realidade no qual tudo é e não é, simultaneamente.

Mito é realidade acontecendo. Para entender isso, é preciso abrir-se à solidão do pensar, recolhendo-se em um pensamento que não pretende comprovar nada. Tudo o que acontece é sempre um começar. Não se deixa definir. Mito, nesse horizonte de reflexão, quer dizer concentração de um mistério. Nele, algo se mostra. Algo se resguarda. O entendimento disso advém quando nos acolhemos no próprio mistério. Repito: se buscarmos um entendimento causal para o mistério ficaremos à margem do mistério. A lógica racional não dá conta do seu sentido. Concentração e acontecer da lógica poética, mistério é o que está descortinando... É possibilidade da própria vida.

O mistério da [vida](#) não é alguma coisa de outro [mundo](#); não é uma vida diferente deste mundo ou um outro mundo; o mistério da vida é a vitalidade desta vida, deste mundo. Esta [vitalidade](#) que não se deixa controlar, subjugar e aplicar. Isso é o que constitui o mistério da vida (Leão, 2008: 70).

Mistério é o que nos é mais próximo. Não é para ser pensado, mas deixar-se pensar. Para entender o mistério é preciso centrar e concentrar – entrar. Há no mistério um convite para a experienciação das potencialidades daquilo que se mostra e resguarda. O que se mostra e resguarda acontece dialeticamente. O mistério da vida é a vitalidade da vida nela mesma, na sua gênese de sentido: no mesmo instante em que se vive também se morre. Não há etapas, mas uma dinâmica contínua. Por isso, não há como controlar, como determinar as regras do jogo entre viver e morrer. Já estamos, desde sempre, jogados neste jogo. Esse jogo é o próprio sentido da existência dando-se dialeticamente. Esse jogo sugere deixar-se ser tomado pela centelha, pelo acolhimento, pela possibilidade de voltar-se à “coisa” no seu cerne, na sua pulsão criativa, no vigorar e gestar do seu próprio silêncio, seu nada – criativo – seu mistério. Dialética transitiva, mito é mistério dado às claras. É preciso estar atento e compreender o mito/mistério¹, manifestar pela palavra, na suadialéticade tudo e nada, aparição e retraimento. É preciso pensar a dialética do mito sem ter medo do próprio mistério que silenciosamente explode diante de nossos olhos. O que se dá em evidência é difícil de enxergar, porém.

Pensar o mito enquanto mistério é compreendê-lo naquilo que ele mesmo diz. Como isso é possível? Mito é ficção! É ilusão! Estou de acordo que o mito seja ficção, todavia, não devemos ser ingênuos e articular o ficcional como algo fora da realidade. A palavra ficção é a tradução do verbo latino *fingere* , que significa fingir, moldar, dar figura, criar. O gesto de criar não parte da vontade de um sujeito. Não se decide, por exemplo, fazer uma obra de arte ou de pensamento de uma hora para outra. Se assim fosse, teríamos não um, mas vários Dostoiévski, Stravinski, Goethe, Rilke, Baudelaire, Unamuno, Manoel de Barros, Guimarães Rosa, Eduardo Portella... Criação é dialética de presença e ausência. O que há nisso? Criação é plenitude do nada criativo. Quando se entende a dialética transitivamente a criação é vista como possibilidade de e para possibilidade.

¹A palavra mito originou-se do verbo grego *mytheomai* e significa o manifestar pela palavra. Do radical deste verbo [*myth-*] formou-se o verbo grego *myein*, que significa, silenciar; também se formou a palavra mistério. A palavra que fala (mito) é também a palavra que silencia (mistério). Há uma dobra, uma dialética verbal, entre dizer e silenciar. Essa dialética nos remete à questão da linguagem. E o que é a linguagem senão vigorar do *lógos*? A este vigorar da linguagem, o *lógos*, temos Hermes, o deus grego da interpretação, a palavra verbal que fala e silencia, a um só tempo.

Antes de prosseguir nestas encruzilhadas do pensar, é preciso retomar uma questão. É preciso entender o que venha a ser o nada criativo. É comum pensarmos o nada como vazio, buraco, carência, falta, ausência. Ausência é presença vigorando. É esquecer-se de deslembrar. O nada, o vazio, o *faltante*, se é que assim posso dizer, é a mais premente presença do que se ausenta. O nada nada em possibilidades. O vazio vaza, entorna, transborda. Quando se está diante do nada se está diante de possibilidades de e para possibilidades. Nenhuma possibilidade esgota a outra, também não há hierarquia de possibilidades. Toda possibilidade é *verbo*, isto é, toda possibilidade é *verbada* na medida em que traz consigo a própria possibilidade. O nada, em razão disso, faz-se criativo. Estar diante do nada é pôr-se diante de sentido. É deixar-se ser atravessado, transpassado, transvazado, pelo próprio sentido, no entanto, só nos damos conta de que alcançamos sentido quando este já se instalou em nós. Pensar o mito é pensar o sentido de nossa existência: dialética entre tudo e nada.

Quando digo dialética refiro-me a um jogo contínuo, verbal, cujo modo de ser é a encruzilhada do viver e morrer. Podemos pensar a dialética a partir do mito de Hermes e também o sentido do próprio mito. Hermes é conhecido como o deus mensageiro alado, o intérprete da palavra divina aos homens. Penso que Hermes seja mais: ele não é mensageiro, mas a própria mensagem. Não é mediador, mas a possibilidade do dizer/interpretar. É o deus das encruzilhadas e, portanto, dos envios e desvios. Astuto e detentor da palavra verbal, Hermes é aquele que diz sem dizer. Pai da malandragem, sedutor, porque seu encantamento é dado pela palavra verbal, Hermes é o próprio mito dando-se enquanto mito. Há nele um jogo-dialético no qual perder e ganhar são um e o mesmo. Hermes é o acontecer da própria palavra verbal, portanto, Hermes, mito e mistério sugerem a mesma questão: uma aposta nos caminhos do pensar. Por isso, estão dentro um do outro. São um e o mesmo. O que fica aí de não dito?

O mitonos lança no abismo do que somos, na escuta de uma solidão essencial. Há no mito a vigência das questões, da pergunta que nos é tão cara: qual o sentido da nossa existência? A resposta a esta pergunta vem sempre acompanhada pela dor, a dor de nos sabermos finitos. Essa dor não é física nem moral, mas ontológica. Pensar a dor ontológica, a dor que nos faz adentrar naquilo que somos e não somos, a dor que nos põe em travessia, espera e que, sobretudo nos faz pensar nosso destino. Pensar o destino é compreendê-lo enquanto sentido, e não reduzi-lo ao acaso. O sentido não é dado nem por fora nem por dentro, mas pela passagem, pela travessia no nada de si mesmo. Esse de si mesmo não diz respeito ao sujeito, ao eu, ao meu. É abertura vital – saber-se

próprio. Travessia de sentido *desde* o próprio pensar, mito, portanto, não é balela, estorinha, conversa fiada. *Mito é desvelo com o pensar; é convite para se perscrutar o sentido de ser do ser humano. É vida dando-se na sua dialética de finitude e plenitude. Pensar o mito, portanto, não é ser um mero expectador, mas participar do próprio mito: o mito do humano do homem: nosso vazio: nossa completude.*

Referências bibliográficas:

LEÃO, Emmanuel Carneiro. "O corpo, a terra e o pensamento". In: CASTRO, Manuel Antônio de (Org.). *Arte: corpo, mundo e terra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.